

A VERGONHA NA ESTÓRIA DE «VAVO XIXI E SEU NETO ZECA SANTOS»

JOELMA SANTANA SIQUEIRA

U. Federal de Viçosa / U. Porto. Bolsista Pós-doc CAPES Proc. Nº 1689-14-2. jandraus@ufv.br.

Na estória intitulada «Vavó Xíxi e seu neto Zeca Santos», a descrição dos espaços envolve tanto o espaço construído quanto a natureza, o dentro e o fora das cubatas. A natureza e as coisas são percebidas em seus movimentos, cores e sons pelo narrador e algumas personagens. As descrições recebem tratamento plástico, a natureza viva, às vezes, é ameaçadora, capaz de expulsar o homem de seu abrigo e pô-lo em perigo de vida, mas não deixa de ser igualmente bela:

O musseque, nessa hora, parecia era uma sanzala no meio da lagoa, as ruas de chuva, as cubatas invadidas por essa água vermelha e suja correndo caminho do alcatrão que leva na Baixa ou ficando teimosa, em cacimbas de nascer mosquitos e barulhos de rãs. Tinha mesmo cubatas caídas, e as pessoas, para escapar morrer, estavam na rua com as imbambas que salvaram. Só que os capins, aqueles que conseguiam espreitar no meio das lagoas, mostravam já as cabeças das folhas lavadas e brilhavam uma cor mais bonita para o céu ainda sem azul nem sol¹.

Não há separação marcante entre natureza e espaço construído, fazendo ver a ausência de planejamento urbano capaz de assegurar proteção às pessoas do musseque, expostas às intempéries, falta de saneamento básico e ameaças da vida moderna, a exemplo dos «carros cuspiendo lama na cara das cubatas»². Se por um lado, destaca-se a ausência do que

¹ VIEIRA, 1997: 17.

² VIEIRA, 1997: 16.

Henri Lefebvre denominou de a prática de um direito: «o direito à cidade, isto é, à vida urbana, condição de um humanismo e de uma democracia renovados»³, por outro, destacam-se as interações benéficas entre as pessoas, o musseque e a natureza. A pouca luz que entra na cubata vem do sol. O narrador capta uma dinâmica positiva nos usos do lugar por seus moradores, como as crianças que, tão logo a chuva cessava, ocupavam os espaços da rua com «suas brincadeiras de barcos de luando e penas de pato nas cacimbas do musseque»⁴; ou os mais velhos, que «nas portas, gozavam o fresco, descansavam um pouco dos trabalhos desse dia»⁵.

A palavra «vergonha» aparece muitas vezes na narrativa, mas, em algumas situações, o sentimento de vergonha está implícito na cena que envolve o personagem Zeca Santos. A primeira vez em que a palavra aparece é na fala de vavó Xíxi, que reclama de o neto pedir comida: «– Sukua! Então, você menino, não tem mais é vergonha?... Ontem não te disse dinheiro ‘cabou? Não disse para o menino aceitar serviço mesmo de criado? Não lhe avisei? Diz só: não lhe avisei?...»⁶. Ao longo da narrativa, saberemos que Zeca Santos usou o último dinheiro do emprego que perdeu recentemente para comprar uma «camisa amarela de desenhos de flores coloridas», e isso provocou grande desentendimento com sua vavó, que o acusa de só querer saber de farra e, por isso, pretende suscitar-lhe vergonha.

Na segunda vez em que a palavra «vergonha» aparece tem-se uma situação irônica, pois trata-se da fala do branco Sô Souto, que foi procurado por Zeca Santos em busca de trabalho: «– Pois claro! Para o filho de João Ferreira tenho sempre qualquer coisa. E a avó, vai bem? Diz ela não precisa ter vergonha... a conta é pequena, pode vir ainda cá...»⁷. Em seguida, Sô Souto irá chicotear as costas de Zeca Santos e enxotá-lo de sua loja com injúrias de ladrão e filho de terrorista. Zeca sente tanta vergonha que só mostra as marcas da chicotada para vavó depois que ela insistiu mais de uma vez para o neto procurar Sô Souto; além disso, Zeca Santos não contará esse acontecimento para o amigo Maneco. Vale observar que na fala de Sô Souto aparece a palavra «avó» e não «vavó», o que nos faz pensar nesse personagem como alguém culturalmente mais distante dos principais personagens da estória.

O choro do neto ao alegar para vavó que não fez nada para merecer apanhar de Sô Souto, que não era ladrão, que só queria serviço, com vavó a acusá-lo de só querer camisa amarela de flores coloridas, só querer calça de quinze em baixo, só querer peúga vermelha, enche vavó Xíxi de ternura, com vontade de pegá-lo no colo, como quando era criança. Ela, porém, evita o carinho e oferece-lhe o que comer: algo que catou na Baixa. É nessa hora que Zeca Santos experimenta mais de uma forma de vergonha:

³ LEFEBVRE, 2001: 7.

⁴ VIEIRA, 1997: 22.

⁵ VIEIRA, 1997: 51.

⁶ VIEIRA, 1997: 18.

⁷ VIEIRA, 1997: 20.

E foi nessa hora, com as coisas bem diante da cara, o sorriso de vavó cheio de amizade e tristeza, Zeca Santos sentiu uma vergonha antiga, uma vergonha que lhe fazia querer sempre as camisas coloridas, as calças como sô Jaime só quem sabia fazer, uma vergonha que não lhe deixava aceitar comida, como ainda nessa manhã: Maneco tinha querido dar meia-sandes, voltara-lhe. Fechou os olhos com força, com as mãos, para não ver o que sabia, para não sentir, não pensar mais o corpo velho e curvado de vavó, chupado da vida e dos cacimbos, debaixo da chuva, remexendo com suas mãos secas e cheias de nós os caixotes de lixo dos Bairros da Baixa. As laranjas quase todas podres, só ainda um bocado é que se aproveitava em cada uma e, pior mesmo, aquelas mandiocas pequenas encarnadas, vavó queria enganar, vavó queria lhes cozer para acabar com a lombriga a roer no estômago...⁸.

Ele sente vergonha de sua condição social. Vestir a roupa nova seria uma forma de ver-se e mostrar-se diferente, tanto quanto não aceitar a comida oferecida pelo amigo Maneco. Mas desejar a roupa nova enquanto sua vavó remexe caixote de lixo nos Bairros da Baixa é coisa que também o deixa envergonhado e o faz querer «não ver o que sabia, para não sentir, não pensar mais». Observa-se ora a vergonha prospectiva, ora a vergonha retrospectiva, no sentido de que, como escreveu Yves de La Taille, no artigo intitulado «O sentimento de vergonha e suas relações com a moralidade»,

quando os valores morais ocupam lugar central nas representações de si, a probabilidade de pensar e agir moralmente aumenta (vergonha prospectiva), como aumenta a probabilidade de sentir-se desvalorizado perante os próprios olhos em caso de ação imoral (vergonha retrospectiva)⁹.

Zeca Santos, por vergonha, deseja vestir-se de modo bonito para esconder sua condição social, mas, ao pensar em sua vavó catando lixo, sente vergonha desse desejo.

Em entrevista a Joelma G. dos Santos, o escritor Luandino Vieira comenta sobre a origem do personagem Zeca Santos e aborda o tema da vergonha de modo esclarecedor:

O Zeca Santos é um personagem que trabalhava comigo. E eu via os seus problemas de relacionamento, de namoro, seus problemas de vergonha da miséria, e a vergonha é o primeiro sentimento de revolta que a gente tem. Uma revolta contra nós próprios, não é? Mas era já um princípio de revolta, quando a gente tem vergonha porque o sapato está roto, ou a gente fez cinco quilômetros a andar debaixo do sol e chega transpirado ao trabalho e tem o cheiro de suor. Essa vergonha que ele tinha muito entranhada nele fez com que eu meio que adotasse Zeca Santos. Não se chamava Zeca Santos, obviamente, como um personagem que me doía a mim o que se passava com ele, esse é outro processo¹⁰.

⁸ VIEIRA, 1997: 23.

⁹ LA TAILLE, 2002: 23.

¹⁰ Vieira *apud* SANTOS.

Na passagem acima, o escritor diz de sua motivação para construir o personagem, mas ressalta também a separação entre o Zeca Santos da ficção e o homem da vida real.

Ao longo da narrativa, a referência à Baixa é frequente e aparece em oposição ao musseque. A esse respeito, como escreveu Tania Macêdo (2006), na passagem dos anos 1950 aos anos 1960, Luanda passou a cenário por excelência de textos angolanos e surgiu

como uma realidade em que o colonizador e o colonizado são simbolizados pela Baixa (a cidade dos brancos) e o ‘musseque’, a cidade dos negros, uma cidade cortada pela ‘fronteira do asfalto’ (a dividir as duas cidades), conforme se verifica em numerosos textos como, por exemplo, em ‘A fronteira do asfalto’, conto de Luandino Vieira presente em A cidade e a infância (1977)¹¹.

Na estória em questão, vavó Xíxi e seu neto Zeca Santos vivem no musseque e dirigem-se à Baixa em busca de oportunidades que lhes são sempre negadas. O neto percebeu que a raiz recolhida por vavó não era mandioca, mas raiz de dália. E saiu gritando «como maluco», informa o narrador, adotando a perspectiva de vavó Xíxi, que ficou perplexa com os gritos do neto. Em seguida, há uma quebra brusca de tempo e espaço na narrativa, dando-nos a entender que se trata da introdução de novo núcleo de personagens no texto, no entanto, trata-se de um momento da vida de Dona Cecília de Bastos Ferreira, a vavó Xíxi, esposa de Bastos Ferreira, que, quando era mais nova, morava em «casa de pequeno sobrado, com discípulas de costura e comidas, com negócio de quitanda de panos» e era respeitada pelos vizinhos, no tradicional bairro dos Coqueiros. Nessa época, João Ferreira, era Joãozinho, «um monandengue quieto, de grandes olhos quase parados». O narrador não nos dá detalhes desse passado. A passagem foi uma lembrança de vavó Xíxi, que põe em dúvida se isso só ocorreu por causa das mandiocas que comeu. As lembranças de quando nada lhe faltava em casa, «comida era montes, roupa era montes, dinheiro nem se fala...» não querem deixá-la. Vavó Xíxi e o narrador não explicam o que se passou desde esse tempo! Estaria no passado próspero o motivo das muitas vergonhas atuais de Zeca Santos, sua resistência a aceitar emprego de criado? A narrativa não irá resolver explicitamente essa questão. Após as lembranças, o narrador volta a concentrar-se na descrição da natureza, como quem percebe o movimento da vida à volta de sua personagem, que se encontra sentada no chão molhado da porta da cubata, alheia a tudo:

Mas vavó não sente esse barulho da vida à volta dela. Tem o soprar do vento, o bater dos zincos; alguns sítios, o cantar da água a correr ainda e, em cima de tudo, misturado com todos os ruídos, o zumbir das vozes das pessoas do musseque, falando, rindo, essa música boa dos barulhos dos pássaros e dos paus, das águas, parece sem esse viver da gente o resto não podia se ouvir mesmo, não era nada. Tudo isso é para vavó muito velho, muito antigo, sempre a vida dela lhe conheceu

¹¹ MAC DO, 2006.

*todos os anos, todos os cacimbos, todas as chuvas; e agora, nessa hora a barriga estava lhe doer, a cabeça cada vez mais pesada, o corpo com frio*¹².

O narrador fala de si mesmo, expondo-se como alguém capaz de ouvir o que sua personagem não pode porque as dores que sente em seu corpo não deixam. Observa-se também a aproximação entre as coisas, a natureza e as pessoas, compondo uma só música. O que é novo para vavó é a dor provocada pelas raízes que comeu.

Com frequência, observa-se o conflito entre brancos e negros. A acusação de terrorismo ronda as pessoas do musseque. Há menções à patrulha e aos prisioneiros, pessoas próximas de vavó e Zeca Santos, como Matias, o menino acusado por Sô Souto; João Ferreira, o pai de Zeca Santos; e Gregório, o parceiro de Nga Tita, vizinha de vavó. Os brancos acusam os negros de terroristas. Quando Nga Tita conta para vavó Xíxi que não consegue saber notícias sobre a liberdade de Gregório, que não lhe acreditam quando assegura que ele não é terrorista, vavó diz: «– É verdade, menina! Mas é assim, os brancos não aceitam...». O negro fica aprisionado nesse rótulo de terrorista, cabendo-lhe apenas a negação de envolvimento na luta, que paira silenciosamente no texto, como nesta frase de Vavó: «os brancos não aceitam». A esse respeito, como é sabido por muitos, o escritor Luandino Vieira, por ocasião da publicação de *Luuanda* (1964), conforme destacou Francisco Topa, estava a cumprir pena de prisão «em Santiago de Cabo Verde, na colónia penal entretanto batizada com o nome de Campo de Trabalho Chão Bom, devido à sua participação no movimento independentista»¹³. A obra, como também se sabe, foi vencedora do Grande Prémio de Novelística da Sociedade Portuguesa de Escritores (S.P.E.). Os membros do júri chegaram a ser detidos para interrogatório e a Sociedade Portuguesa de Escritores foi extinta pelo ministro da Educação, Galvão Teles. A repercussão/repressão política da atribuição do prémio, como informa mais uma vez Francisco Topa, «referida com frequência como exemplo da repressão do sistema salazarista sobre as instituições de cultura», demonstra-nos «como este caso assumiu contornos de verdadeira campanha: contra a S.P.E. e o júri, naturalmente, mas sobretudo contra – e esse aspeto é quase sempre secundarizado ou ignorado – José Luandino Vieira, isolado em Santiago de Cabo Verde, onde cumpriria uma longa pena de prisão»¹⁴. A nota publicada no *Diário de Notícias* de Lisboa em 1965, reproduzida por Topa no volume *Luuanda há 50 anos – críticas, prémios, protestos e silenciamento* (2014), mais especificamente na parte destinada à repercussão/repressão política do prémio, é exemplar do que se estar a dizer:

¹² VIEIRA, 1997: 27-28.

¹³ TOPA, 2014: 5.

¹⁴ TOPA, 2014: 8.

Um dos premiados foi terrorista em Angola e está a cumprir pena pelos seus crimes

LONDRES, 20 – *Em telegrama de Lisboa, distribuído pelas agências noticiosas, anuncia-se que círculos da oposição portuguesa declararam que um dos escritores distinguidos com os prémios anuais da Sociedade Portuguesa de Escritores estaria a cumprir uma pena de catorze anos de cadeia por actividades subversivas.*

Pouco depois foram distribuídos outros telegramas, também de Lisboa, anunciando que um informador oficial declarara que Luandino Vieira (o escritor distinguido com o Prémio do Conto, pelo seu livro “Luuanda”) era o pseudónimo de José Vieira Mateus da Graça, que foi condenado a 22 de Junho de 1963, num tribunal de Luanda, a catorze anos de prisão, por crimes de terrorismo praticados na província de Angola, e não por actividades subversivas.

O mesmo informador oficial teria declarado que certamente a Sociedade Portuguesa de Escritores concedera o prémio em virtude de não conhecer a verdadeira identidade daquele indivíduo acusado e condenado por crimes tão repugnantes. – (ANI)¹⁵.

Como é possível observar na nota acima, a acusação de «actividades subversivas» para Luandino Vieira foi substituída pela acusação de «crimes de terrorismo praticados na província de Angola». Os personagens de *Luuanda*, também taxados de «terroristas», vivem dramas que os aproximam de muitos angolanos que presenciaram os anos de luta pela independência de seu país.

Após a cena entre vavó e Nga Tita, a narrativa tem novo corte. Passa-se ao encontro de Zeca Santos com Maneco, quando terá lugar mais uma situação na qual Zeca sente-se envergonhado. Ao ouvir o pedido de dois almoços, feito por seu amigo, ele mente, informando que já almoçou, pois, diz-nos o narrador: «Só a vergonha é que começou as palavras que arrependeu depois: – Ih! Dois almoços! Já almocei, Maneco!»¹⁶. Não foi a primeira vez que ficou com vergonha de assumir para o amigo que sentia fome. Pela manhã, Maneco ofereceu-lhe meia-sandes e ele recusara. O narrador descreve com os olhos de Zeca Santos os movimentos em torno da comida: «Ai! Mas na sopa de Maneco saía um cheiro bom e quente; a colher descia, subia; aquele barulho dos beiços do lavador de carros a chupar o puré de feijão»¹⁷.

Após o almoço, Zeca Santos irá a um escritório que anunciava emprego no jornal. Ao chegar no local e deparar-se com o espaço e as pessoas organizadas, sente-se ameaçado. O espaço tão bem cuidado leva Zeca Santos a considerar a desordem de sua aparência e, com isso, sentir-se derrotado antes mesmo da entrevista. Ao responder às perguntas que lhe eram feitas e informar que nasceu no Catete, é posto para fora com ofensas. O homem que o entrevistou associa as pessoas de Catete, Icolibengo, a ladrões, mangonheiros e «agora, por cima, terroristas». Vale destacar que Catete é a terra de escritores e nacionalistas revo-

¹⁵ TOPA, 2014: 77-8.

¹⁶ VIEIRA, 1997: 31.

¹⁷ VIEIRA, 1997: 31.

lucionários como Agostinho André Mendes de Carvalho e Agostinho Neto. O primeiro participou ativamente da Luta de Libertação Nacional, foi preso político e cumpriu pena no campo de concentração do Tarrafal entre 1962 e 1970, juntamente com Luandino Vieira; o segundo, poeta e médico angolano, foi líder do Movimento Popular de Libertação de Angola e o primeiro presidente do país.

O espaço tem papel relevante na articulação entre ficção e realidade, permitindo-nos observar como Luandino Vieira elaborou, na ficção, questões importantes relacionadas à perseguição política envolvendo a luta pela independência de Angola e questões igualmente importantes relacionadas à ocupação humana na cidade de Angola. Os moradores do musseque devem dirigir-se aos bairros urbanizados em busca de trabalho e é em um desses espaços que Zeca Santos observa que, de todos os lados, há grandes casas de muitas janelas a olhar e rodear um pé de sape-sape, «ali sozinho»:

Sem mais água, só mesmo com a chuva é que vivia e sempre atacado no fumo preto das camionetas, indo e vindo no porto, que ali era o caminho delas, como é essa árvore ainda tinha coragem e força para pôr sua sombra boa, crescer suas folhas verdes sujas, amadurecer os sape-sapes que falavam sempre a frescura da sua carne de algodão e o gosto de cuspir longe as sementes pretas de fazer comida de monangambas dos armazéns de café, dos aprendizes de mecânico da oficina em frente, mesmo dos homens da Câmara quando vinham com as pás e picaretas e rasgavam a barrega das ruas¹⁸.

Essa passagem diz respeito ao pensamento de Zeca Santos, admirando-se da força dessa árvore que resiste à invasão do concreto, do asfalto e da agitação da cidade, enquanto escuta os sons de suas folhas a xaxualhar baixinho. Quando encontrar-se com Delfina, novamente irá fixar-se no movimento da natureza:

tudo quanto estava a inventar debaixo do sape-sape, essas palavras doces que nasciam à toa no calor das farras, agora ali não aceitam sair. Pelo carreiro acima, devagar, sentia as cigarras a cantar nos troncos das acácias, o vento a dançar os ramos cheios de flores, as folhas murmurando uma conversa parecida de namorados, todo o barulho das picas, dos pardais, dos plim-plaus aproveitando os bichos das chuvas¹⁹.

Narrador e personagem se apresentam como seres capazes de perceber e interagir com a natureza. Passagens como essa são instantes da narrativa que nos dão a ver a vida interior do personagem e sua rica percepção das coisas do mundo. Esse aspecto da obra nos faz pensar em um discurso do escritor João Guimarães Rosa²⁰, proferido por ocasião de

¹⁸ VIEIRA, 1997: 36.

¹⁹ VIEIRA, 1997: 40.

²⁰ BEZERRA & HEIDEMANN, 2006: 16.

sua posse do cargo de sócio titular da Sociedade de Geografia do Rio de Janeiro no dia 20 de dezembro de 1945. O escritor informa que, de início, o amor da Geografia veio-lhe «pelos caminhos da poesia – da imensa emoção poética que sobe da nossa terra e das suas belezas: dos campos, das matas, dos rios, das montanhas; capões e chapadões, alturas e planuras, ipuêiras e capoeiras, caatingas e restingas, montes e horizontes; do grande corpo, eterno, do Brasil». O destaque que queremos ressaltar em sua fala é o de ter percebido a poesia na natureza. Respeitadas as especificidades da obra dos escritores João Guimarães Rosa e José Luandino Vieira, observarmos que ambos, além de poetizarem a paisagem em seus textos, também demonstram que o homem pobre materialmente falando, seja o do sertão, seja o do musseque, não é mais simples, nem em sua linguagem nem em seus sentimentos, do que o homem estudado da cidade grande.

Enquanto esperava Delfina, Zeca Santos também relembra como foi que conseguiu serviço apenas de carregador de cimento no porto e, ainda assim, tendo de dividir o ganho com um atravessador. No encontro, Delfina fala do mulato João Rosa, rapaz que andava interessado por ela e possuía carro e emprego. Zeca Santos não tem coragem de contar sobre o trabalho que arrumara nem de mentir que não conseguira trabalho. Os elogios de Delfina a João Rosa, mesmo pensando que fazia isso para irritá-lo, «magoavam-lhe lá dentro, sentia tristeza, vergonha dele mesmo»²¹. Os dois caminham pelo capim, depois se sentam e permanecem algum tempo em silêncio. Nesse momento, o narrador nos deixa ver os pensamentos de Delfina: «A menina nem nada disse, deixou só a cabeça dele deitar no colo, era bom sentir assim aquele peso, o calor dele contra a barriga, as orelhas-de-abano a mostrarem bem o feitio da cabeça, os olhos cheios de felicidade»²². A fala de Delfina, o contato das mãos dela em sua cabeça e peito, fazem Zeca Santos esquecer a fome a roer na barriga e considerar o frescor novo que sente, «melhor que o vento que soprava xaxualhando as pequeninas folhas verdes das acácias, empurrando as flores, algumas deixando cair as suas folhas vermelhas e amarelas, parecia era mesmo uma chuva de papel de seda em cima deles»²³. Zeca mentiu para Delfina ao dizer que arranhou emprego na estação de serviço junto com Maneco. Ao ouvi-la chamando-o à responsabilidade, oferecendo-se para ajudá-lo a acordar cedo, ele diz que não será preciso, que agora mesmo vai ter juízo. Há beleza na construção dessa cena. Os dois personagens sentados na natureza, conversando, apenas, ela querendo ajudá-lo e ele mentindo com medo de dizer a verdade e perdê-la! Quando Delfina faz uma ameaça de namorada preocupada: «Se não vai ter mais juízo não vou lhe gostar mais», o narrador informa:

²¹ VIEIRA, 1997: 41.

²² VIEIRA, 1997: 42.

²³ VIEIRA, 1997: 42.

Os olhos grandes, claros, de Delfina, mostravam toda mentira dessas palavras, mas Zeca já não estava ver. Tinha escondido a cabeça no colo, a vergonha não queria lhe largar mais o coração, a vontade de falar só a verdade na menina, como ela merecia, e a certeza nessa hora que falasse ia lhe perder mesmo quando ela ia saber ele só tinha um serviço de monangamba e, pior, João Rosa, seu 'Morris', suas delicadas falas a quererem-lhe roubar a pequena, tudo isso pelejava na cabeça fraca dele, no coração fraco de Zeca Santos²⁴.

O narrador sabe que Delfina não diz a verdade em sua ameaça de não gostar mais de Zeca Santos, mas seu personagem não, daí a vergonha associada ao medo de perdê-la. Seu sentimento de vergonha, recorrente em toda narrativa, está relacionado à representação que faz de si mesmo. Por um lado, Zeca Santos, com vergonha de decair aos olhos da namorada, não conta que só conseguiu emprego de estivador e, ainda assim, dividindo o ganho; por outro, ele envergonha-se de não dizer a verdade. Diante desse dilema, ele sente-se mal fisicamente e tenta agarrar-se ao corpo dela como «última defesa, seu último esconderijo contra esse ataque assim de todas as coisas desse dia, desses dias atrasados, contra esse receio de vomitar logo ali». Delfina rejeita o assédio, dá-lhe uma chapada na cara, ofende-lhe, empurra-lhe e sai correndo, mas, antes, pergunta-lhe se não tem vergonha. Ele vomita e a narrativa, em novo corte, fixa-se na chegada dele à cubata, onde se encontra novamente com vavó a perguntar-lhe o que houve e ele a perceber o que está por trás dessa pergunta, sentindo-se, mais uma vez, envergonhado:

O neto percebeu nessas palavras o mesmo desses dias todos, a razão que sempre fazia vavó perguntar, adiantar saber se tinha encontrado serviço, se já tinha ganhado qualquer coisa para comer. E ficou com vergonha ali, na frente dela, de falar aquele trabalho, serviço de monangamba do porto e mesmo assim o vencimento de dividir com o homem da praça. O melhor era calar a boca, não falar esses casos; ir ao trabalho; receber dinheiro e adiantar comprar coisas de comer; depois, pôr uma mentira de outro serviço²⁵.

Zeca Santos e vavó conversam, ela fala-lhe na missa, de Padre Domingos conseguir-lhe algum serviço, mas não o convence a aceitar, pois, segundo ele, serviço de varrer igreja, não precisa. Ela associa o olho machucado do neto à visita de Delfina. Zeca, por sua vez, desconfia de que Delfina veio procurá-lo e isso o deixa com o coração mais leve. Vavó Xíxi, como descreveu o narrador, «velha sempre satisfeita», que «descobria piada todo o dia», no meio das panelas e quindas vazias, pergunta ao neto: «— Olha só, Zeca! O menino gosta peixe d'ontem?». Esta pergunta o anima e o faz acreditar que poderá desfrutar da iguaria: «Ai, vavó, diz já, então! A lombriga na barriga está me chatear outra vez! Diz vavó. Está

²⁴ VIEIRA, 1997: 43.

²⁵ VIEIRA, 1997: 46.

onde então, peixe d'ontem?». Ao que vavó responde: «Sente, menino! Se gosta peixe d'ontem, deixa dinheiro hoje, para lhe encontrar amanhã!».

Com essa fala, vavó pode mais uma vez estar a recriminar o gasto com a camisa amarela. Zeca triste, «envergonhado», dobra as calças «muito bem, para aguentar os vincos» e

depois, nada mais que ele podia fazer já, encostou a cabeça no ombro de vavó Xixi Hengele e desatou a chorar um choro de grandes soluços, parecia era monangengue, a chorar lágrimas compridas e quentes que começaram correr nos riscos teimosos as fomes já tinham posto na cara dele, de criança ainda²⁶.

O narrador diz que esse choro, embora pareça de monandegue, é o de alguém que já traz na cara as marcas (os riscos) das tantas fomes. Dá-nos uma imagem ambígua da criança adulta. A juventude consumida pelas fomes. Zeca Santos é alguém que está passando pelo processo de tornar-se adulto sem ter podido viver de todo a infância. Daí sua vergonha ser também sua forma de revolta, como disse Luandino Vieira, e podermos compará-lo ao sape-sape cercado de todos os lados pelas grandes casas de muitas janelas.

Em conversa muito rápida com o escritor Luandino Vieira, após leitura parcial deste trabalho, ouvi dele algo que tomei como uma informação privilegiada: a vergonha é já uma revolta, quem disse isso foi Marx. Sim, Carl Marx, em uma carta a Arnold Ruge, datada de março de 1843, escreveu:

You look at me with a smile and ask: What is gained by that? No revolution is made out of shame. I reply: Shame is already revolution of a kind; shame is actually the victory of the French Revolution over the German patriotism that defeated it in 1813. Shame is a kind of anger which is turned inward. And if a whole nation really experienced a sense of shame, it would be like a lion, crouching ready to spring²⁷.

A vergonha de Zeca Santos não é simples. Ela é sua forma de revolta contra o que ele representa na escala social e contra a expectativa de que aceite sua condição. No texto «A odisséia da reapropriação: a obra de Mouloud Mammeri», escrito por Pierre Bourdieu²⁸ em homenagem ao escritor e antropólogo argelino Mouloud Mammeri, lemos: «todos os que submetidos a uma forma qualquer de dominação simbólica, estão condenados a essa forma suprema do desapontamento que é a vergonha de si mesmo». A pergunta de vavó sobre o peixe d'ontem alude a uma espécie de lição dos mais velhos para Zeca Santos, que não terá outra opção a não ser crescer e ceder às forças sociais. A narrativa de Luandino Vieira, no entanto, segue sendo o sape-sape com poder de envergonhar mais do que uma nação.

²⁶ VIEIRA, 1997: 51.

²⁷ MARX, Carl – *Letter of Marx to Arnold Ruge*. March 18th, 1843.

²⁸ BOURDIEU, 2006.

Bibliografia

- BEZERRA, Marily da Cunha; HEIDEMANN, Dieter (2006) – *Guimarães Rosa e a Geografia*. «Revista Estudos Avançados». Vol. 20, n.º 58. Disponível em <<http://dx.doi.org/10.1590/S0103-40142006000300002>>. [Consulta realizada em 21/10/2014].
- BOURDIEU, Pierre (2006) – *A odisséia da reapropriação: a obra de Mouloud Mammeri*. «Revista de Sociologia e Política». 26, pp. 93-95. Disponível em <<http://dx.doi.org/10.1590/S0104-44782006000100008>>. [Consulta realizada em 21-X-2014].
- LA TAILLE, Yves de (2002) – *O sentimento de vergonha e suas relações com a moralidade*. «Revista Psicologia: Reflexão e Crítica». Vol. 15, n.º 1. Disponível em <<http://dx.doi.org/10.1590/S0102-79722002000100003>>. [Consulta realizada em 21-X-2014].
- LEFÉBVRE, Henri (2001) – *O direito à cidade*. Trad. Rubens Duarte Frias. São Paulo: Centauro.
- MAC DO, Tania (2004) – *Luanda: literatura, história e identidade de Angola*. In ESTANQUE, Elísio (coord.) – *VIII Congresso Luso-Afro-Brasileiro de Ciências Sociais*. Disponível em <www.ces.uc.pt/lab2004/inscricao/pdfs/painel35/taniamacedo.pdf>. [Consulta realizada em 20-X-2014].
- MARX, Carl – *Letters from the Deutsch-Französische Jahrbücher. Marx to Ruge*. Disponível em <http://www.marxists.org/archive/marx/works/1843/letters/43_03.htm>. [Consulta realizada em 21-XI-2014].
- SANTOS, Joelma G. dos – *A Literatura se alimenta de literatura. Ninguém pode chegar a escritor se não foi um grande leitor*. Entrevista com José Luandino Vieira. Disponível em <<http://www.ueangola.com/entrevistas/itemlist/tag/entrevistas?start=10>>. [Consulta realizada em 20-X-2014].
- TOPA, Francisco, org. (2014) – *Luuanda há 50 anos: críticas, prémios, protestos e silenciamento*. Porto: Sombra pela cintura.
- VIEIRA, José Luandino (1997) – *Luuanda (estórias)*. Lisboa: Edições 70.

